

MATHEUS FERNANDES ZOCH DE MOURA

**O PERCURSO INDIVIDUAL DE ESTUDANTES DE INGLÊS NA ESCOLA
PRIVADA: UM DIÁLOGO ENTRE APRENDIZAGEM E BAGAGEM DE VIDA**

PORTO ALEGRE

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: LINGUÍSTICA APLICADA

**O PERCURSO INDIVIDUAL DE ESTUDANTES DE INGLÊS NA ESCOLA
PRIVADA: UM DIÁLOGO ENTRE APRENDIZAGEM E BAGAGEM DE VIDA**

MATHEUS FERNANDES ZOCH DE MOURA
ORIENTADORA: PROF^A. DR^A. ANAMARIA KURTZ DE SOUZA WELP

Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PORTO ALEGRE

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Fernandes Zoch de Moura, Matheus

O PERCURSO INDIVIDUAL DE ESTUDANTES DE INGLÊS NA ESCOLA PRIVADA: UM DIÁLOGO ENTRE APRENDIZAGEM E BAGAGEM DE VIDA / Matheus Fernandes Zoch de Moura. -- 2023.

128 f.

Orientadora: Anamaria Kurtz de Souza Welp.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Ensino e aprendizagem de inglês. 2. Capital cultural. 3. Aprendizagem e racialização. 4. Decolonialidade. I. Kurtz de Souza Welp, Anamaria, orient. II. Título.

Matheus Fernandes Zoch de Moura

**O PERCURSO INDIVIDUAL DE ESTUDANTES DE INGLÊS NA ESCOLA
PRIVADA: UM DIÁLOGO ENTRE APRENDIZAGEM E BAGAGEM DE VIDA**

Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 12 de maio de 2023.

Resultado: Aprovado com conceito geral A

Banca Examinadora:

Anamaria Kurtz de Souza Welp
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Cristiane Maria Schnack
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Michele Salles El Kadri
Universidade Estadual de Londrina

Paula Cortezi Schefer Cardoso Schardong
Universidade Federal do Delta do Parnaíba

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha família, Paula, Helena e Bernardo, pelo apoio constante frente aos dias mais desafiadores (embora, muitas vezes, o fato de ser pai de duas crianças pequenas fosse justamente o motivo do tamanho desse desafio) deste mestrado; aos meus estudantes, por terem me ensinado tanto nesses quase quinze anos na docência (em especial, aos doze que toparam participar desta pesquisa); à escola, que me acolhe diariamente há quase dez anos e que abriu as portas para que eu desempenhasse lá um novo papel, o de pesquisador; e à professora Ana Welp, por ter me encorajado, lá em 2020, a retornar para a vida acadêmica, sempre me acompanhando de forma muito cuidadosa desde a aprovação no processo de seleção.

Essas pessoas, nesses diferentes tempos, espaços e contextos, foram as responsáveis para que esta pesquisa acontecesse. Não seria o professor que sou hoje, se não tivesse me tornado pai. Não teria sido o pai que fui nesses dois anos, se não tivesse também envolvido com a vida acadêmica. E não seria o pesquisador que acabei sendo, se não fosse professor por tantos anos. São essas redes de conexões que nos desafiam a todo o momento, por isso agradeço a oportunidade de ter feito tanto, e tudo que foi possível dentro dessas possibilidades e limitações, para concluir mais esta etapa da minha trajetória pessoal e acadêmica.

RESUMO

Embora regulamentado como parte do currículo obrigatório da educação básica no Brasil, o ensino de inglês ainda se constitui um desafio em alguns contextos em que se insere. Seja na escola pública ou privada, a abordagem pedagógica para o ensino das línguas adicionais (LAs) acontece por caminhos variados a partir da escolha das instituições de ensino, juntamente às diretrizes maiores, as governamentais. Nesse contexto, esta dissertação tem como objetivo principal investigar quais fatores contribuem ou dificultam o aprendizado de inglês como LA em uma escola privada. Ainda, pretende-se entender como os participantes do estudo percebem sua relação com a língua inglesa e como essas variáveis afetam suas trajetórias de aprendizagem, bem como a sua aula de língua enquanto componente curricular do currículo do Ensino Médio. Com o objetivo de compreender melhor as variáveis presentes no modo como os estudantes da escola aprendem a LA, doze estudantes foram entrevistados e questionados sobre seus percursos individuais de aprendizagem, organização familiar e situação socioeconômica. A partir do conceito de capital cultural cunhado por Bourdieu (1979), foram estabelecidas relações entre o inglês como bem simbólico e as experiências culturais e de vida dos participantes, buscando entender até que ponto essas questões se relacionavam ou não. No referencial teórico que embasa este trabalho, também foram problematizadas a relação da classe social e dos processos de racialização dos sujeitos enquanto aprendizes de uma LA de prestígio. As entrevistas semiestruturadas foram divididas em quatro blocos de perguntas com diferentes propósitos e aconteceram no segundo semestre de 2022. Da análise dos dados, foi possível perceber como fatores de dentro e fora da sala de aula têm impactado o aprendizado dos participantes do estudo, além de pontos em comum que explicam tanto as possibilidades quanto as dificuldades que vêm encontrando em sua trajetória aprendendo inglês. Por fim, os jovens também foram instigados a sugerirem caminhos que pudessem alavancar seu aprendizado nas aulas de inglês a fim de avançarem nos conteúdos propostos, não apenas com vistas para seu próprio rendimento, mas trazendo sugestões coletivas para serem implementadas na escola onde os dados foram gerados. Nos resultados, são apontados e discutidos os papéis das questões individuais (raça, estrutura familiar, capital cultural e relação com a LA) e coletivas do ambiente escolar (proposta pedagógica, currículo, metodologia e avaliação) no aprendizado dos participantes. Contrariamente a uma visão hegemônica da língua inglesa, advoga-se nesta dissertação o ensino dessa língua sob uma perspectiva decolonial, procurando desierarquizar sua relação com outras línguas e romper com a noção de que somente falantes provenientes de países de língua inglesa do norte global detêm a propriedade desse idioma (PARDO, 2019).

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem de inglês. Capital cultural. Aprendizagem e racialização. Decolonialidade.

ABSTRACT

Even though it has been regulated as part of the mandatory curriculum of the Brazilian educational system, English teaching still faces challenges depending on the context in which it appears. Either at the public or private school, the pedagogical approach regarding the additional languages (ALs) teaching goes different ways starting from the choice of each teaching institution, along with governmental guidelines and action plans. Within this context, this thesis aims primarily to investigate the factors which make learning English as an AL easier or more difficult at a private school. Still, it intends to understand how the participants of this study see their relationship with the language and how these variables affect their learning path, as well as their attitude towards English classes in the High School curriculum. As an attempt to better understand the factors involved in this process, twelve students were interviewed and questioned about their own language learning journey, family structure and socioeconomic condition. Based on the concept of cultural capital conceived by Bourdieu (1979), connections were established between English being a symbolic good and life and cultural experiences of the participants, seeking to comprehend to what extent these issues were inter related or not. In the theoretical background that underlies in this work, the relationship between the social classes and the races of those who learn a prestigious AL was also critically analyzed. The semi structured interviews were divided into four blocks of questions with different purposes and took place in the second semester of 2022. From the data analysis, it was possible to see the inner and outer class factors that have impacted the participants' English learning at school, in addition to the possibilities and the difficulties associated with their individual learning processes. In the end, the students were also asked to contribute with new possibilities to enhance their language learning at school, suggesting effective changes not only regarding their own progress, but also their peers'. In the results section, the role of individual matters (race, family structure, cultural capital and relationship with the AL) as well as the collective ones at school (pedagogical approaches, curriculum, teacher methodology and assessment) were pointed out and discussed. Contrarily to a hegemonic teaching and learning view of the English language, this thesis defends it should be taught through a decolonial perspective, aiming to reduce the hierarchization of its relation in comparison to other languages, breaking with the notion that only English speakers from the global north own it (PARDO, 2019).

Keywords: English teaching and learning. Cultural capital. Learning and racialization. Decoloniality.

SUMÁRIO

1. Introdução	10
1.1 Contextualização inicial do objeto de estudo e motivação.....	10
1.2 Justificativa.....	14
1.3 Delimitação do tema.....	16
1.4 Objetivos da pesquisa.....	16
1.5 Organização da dissertação.....	16
2. Pressupostos teóricos	17
2.1 Contextualização inicial e primeiros conceitos emergentes.....	17
2.2 O conceito de capital cultural e como ele se relaciona com o aprendizado de inglês como LA.....	24
2.3 O componente curricular de inglês na história da educação brasileira até chegar ao Novo Ensino Médio.....	29
2.4 Inglês e decolonialidade: que vertentes têm embasado o ensino da língua?.....	31
2.5 Ensino e aprendizagem da língua inglesa, sob o viés de raça e condição de sujeitos.....	36
3. Procedimentos metodológicos	41
3.1 Pesquisa qualitativa.....	41
3.2 Questionário demográfico.....	42
3.3 Entrevistas semiestruturadas.....	42
3.4 Contexto de pesquisa.....	44
3.5 Participantes da pesquisa.....	46
3.6 Breve perfil dos participantes selecionados a partir do questionário demográfico.....	47
3.7 Etapas da geração de dados.....	51
4. Análise dos dados gerados	54
4.1 Bloco 1: mapeamento da relação do estudante com a língua inglesa.....	54
4.2 Bloco 2: investimento familiar no aprendizado de inglês.....	64
4.3 Bloco 3: percurso de aprendizagem de inglês dos estudantes na escola.....	77
4.4 Bloco 4: ações e medidas que possam contribuir para o aprendizado de inglês na escola, na perspectiva dos participantes.....	92
5. Considerações finais	97
5.1 Limitações.....	102
Referências	103

Apêndices	114
Apêndice A.....	114
Apêndice B.....	116
Apêndice C.....	118
Apêndice D.....	121
Apêndice E.....	123
Apêndice F.....	124
Anexo	127

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Objetivos da pesquisa.....	17
Quadro 2 – Informações coletadas sobre os participantes a partir do questionário demográfico.....	50
Gráfico 1 – Renda familiar dos participantes a partir do questionário demográfico.....	51
Gráfico 2 – Recursos envolvendo o inglês utilizados pelos participantes fora da escola.....	52
Quadro 3 – Trechos transcritos de algumas das falas dos participantes no bloco 1 da entrevista.....	58
Quadro 4 – Trechos transcritos de algumas das falas dos participantes no bloco 2 da entrevista.....	68
Quadro 5 – Trechos transcritos de algumas das falas dos participantes no bloco 3 da entrevista.....	81
Quadro 6 – Carga horária de Língua Inglesa nos diferentes anos/séries da escola.....	89
Quadro 7 – Trechos das entrevistas do bloco 4, contendo sugestões dos estudantes.....	96
Quadro 8 – Retomada dos objetivos da pesquisa.....	98

1. INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata de aspectos relacionados ao ensino de aprendizagem de inglês, mais precisamente enquanto componente curricular em uma escola privada de Porto Alegre. A pesquisa aqui apresentada se insere na Linguística Aplicada, buscando entender que fatores favorecem e dificultam o aprendizado dessa língua adicional em um contexto de educação formal, sem somente aludir a aspectos linguísticos envolvidos, mas considerando-se também a bagagem de vida dos participantes do estudo.

Para o estudo, foram entrevistados doze estudantes da 1ª série do Ensino Médio da escola particular onde leciono há dez anos, e eles, por sua vez, puderam contar um pouco de suas trajetórias individuais em relação ao aprendizado de inglês e suas percepções quanto ao ensino do idioma como parte do currículo proposto. Além disso, foram identificadas sugestões de como o ensino da língua poderia ser repensado na escola. Esses dados serão compartilhados com a direção pedagógica, conforme solicitado nas nossas tratativas, em 2020, para que a pesquisa viesse a ocorrer naquele espaço.

Neste capítulo de introdução, inicio contextualizando brevemente meu objeto de estudo e minha motivação para realizar esta pesquisa. Trago minha motivação para a condução deste estudo e como o tema do trabalho se fez relevante frente à minha caminhada pedagógica e acadêmica. Em seguida, explico, de forma mais detalhada, a delimitação do tema e do objeto de estudo. Considerando os muitos caminhos de investigação que esse estudo poderia ter seguido, fez-se necessário explicar um pouco das escolhas feitas para a condução da pesquisa, permitindo que ela ocorresse dentro do prazo de dois anos previstos para um mestrado acadêmico. Além disso, ainda na introdução, apresentarei os objetivos traçados para a realização deste trabalho e, por fim, será explicado como esta dissertação foi organizada, a fim de facilitar a leitura e antecipar a disposição dos capítulos e de suas seções.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO INICIAL DO OBJETO DE ESTUDO E MOTIVAÇÃO

A língua inglesa ganhou, com o passar dos anos, maior visibilidade e prestígio em diferentes meios em que se fez presente, sendo constantemente estudada por uma gama de aprendizes em diferentes partes do mundo. Prova disso é que, atualmente, o inglês é a língua mais falada do mundo, com 1 bilhão e 268 milhões de falantes (EBERHARD et al. 2020). Enquanto objeto de estudo, é necessário salientar que sua difusão ganhou espaço mundo afora por meio do advento da globalização, das tecnologias e migrações internacionais, obtendo o

status de língua franca¹. Em contrapartida, mesmo estando presente no currículo da maioria das escolas públicas e privadas do Brasil, conforme orientação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (BRASIL, 1996), que previa a inclusão de uma língua estrangeira (cuja escolha ficaria a caráter da comunidade escolar e dentro das possibilidades de cada instituição) a partir da 5ª série, o ensino-aprendizagem dessa língua ainda se constitui como um desafio.

Cabe aqui ressaltar que a visão do inglês como uma língua franca é percebida pelo autor deste estudo como antagônica ao movimento de decolonização defendido neste projeto, porque contribui para a noção de que é uma língua dominante e hegemônica, imposta pelos países colonizadores. Essa categorização pode reforçar a ideia de que existe uma segregação linguística entre falantes nativos e não nativos de inglês, e que apenas o inglês utilizado por falantes nativos é considerado legítimo ou padrão. Segundo García (2019), língua foi usada como ferramenta de dominação, conquista e colonização por anos. Assim, subdivisões de língua e diferentes nomenclaturas (como estrangeira, primeira ou segunda, por exemplo) poderiam consolidar ou fortalecer relações de poder entre elas. Além disso, a classificação do inglês como língua franca pode desconsiderar a diversidade de formas de uso e variações do idioma ao redor do mundo, o que pode levar à padronização e homogeneização da língua. Haus e Albuquerque (2020, p. 87) explicam, portanto, que

a insistência na separação entre nativos e não nativos, a constante reprodução de modelos vindos do norte global, a ideia de que a língua inglesa carrega uma racionalidade e intelectualidade superior a outras línguas – fenômenos que os autores citados no início desta seção e muitos outros na área de LA vêm observando – são exemplos de colonialidade e manutenção do poder oriundos daquele lado da linha abissal. Tais pensamentos informam as identidades e práticas de estudantes e docentes, influenciando violentamente as maneiras como esses sujeitos se veem e são vistos na sociedade.

A decolonização, em contrapartida, busca equilibrar as relações de poder e reconhecer a diversidade cultural e linguística, enquanto a descrição do inglês como língua franca pode perpetuar uma hierarquia de línguas e fortalecer a concepção de que algumas línguas são mais valorizadas ou importantes do que outras. El Kadri e Gimenez (2013) explicam que entender a

¹ O termo inglês como *língua franca* está relacionado com o posicionamento de pesquisadores que se alinham teoricamente à visão de que a língua inglesa é utilizada amplamente em situações envolvendo falantes de diferentes línguas e não exclusivamente em interações que tenham como interlocutores privilegiados os supostos falantes nativos, falantes da língua pertencente ao estado nação onde nasceram. Assim, as interações em inglês (nas quais são empregados recursos linguísticos e pragmáticos que tornam a referência a falantes nativos subalterna ao alcance satisfatório de seus propósitos comunicativos) levam a um novo fenômeno sociolinguístico que os leva a uma compreensão ampla da natureza da linguagem (GIMENEZ *et al.*, 2015).

língua inglesa como língua franca (e não estrangeira) dialoga com questões educacionais pertinentes, já que língua estrangeira entende o aprendiz como um “nativo imperfeito” e a língua franca, por sua vez, necessita de uma transcendência de uma identificação marcada pelo território geográfico ou linguístico. Logo, é necessário reconhecer e valorizar as diversas línguas e culturas, em vez de perpetuar a ideia de que uma única língua é a mais importante ou dominante.

No que tange às diretrizes educativas a serem seguidas no território nacional, foi lançada, em 2015, a primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desenvolvida pelo Ministério da Educação (MEC), trata-se de um documento normativo para diferentes níveis de ensino de caráter obrigatório na elaboração de seus currículos escolares e de suas propostas pedagógicas.

Ao ser comparada com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1997, e com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), de 2013, a BNCC impõe uma série de mudanças que devem ser acatadas, então, pelas instituições de ensino. Dentre elas, os conteúdos a serem integrados aos currículos da Educação Básica partem de habilidades a serem desenvolvidas pelos diferentes componentes curriculares e faz-se obrigatória a abordagem de quinze temas contemporâneos que dizem respeito à vida em diferentes âmbitos e escalas, de forma transversal e integradora. Outra mudança importante é que o inglês passa a ser a língua estrangeira obrigatória (antes, cada escola podia optar pela língua que quisesse e conseguisse oferecer).

Para completar esse panorama, desde 2022, todas as escolas brasileiras precisaram se adequar ao Novo Ensino Médio (NEM), projeto do Governo Federal que propõe mudanças significativas nas diretrizes que balizam o modo como o currículo dos jovens dessa faixa etária se organiza. Ainda em fase de implementação e adaptação por parte das escolas, a proposta pedagógica pensada divide opiniões e enfrenta uma série de dificuldades, principalmente no contexto da educação pública (SOUSA SANTOS, 2022).

É importante salientar que uma língua adicional² (doravante LA) representa diferentes papéis para seus aprendizes, principalmente ao se analisar o contexto do qual fazem parte. Por um lado, no ensino público, pode haver uma certa dificuldade de aproximação do estudante

² Aqui, compreende-se por língua adicional a definição trazida pelos Referenciais Curriculares (RCs) do Rio Grande do Sul (RS, 2009), nos quais se enfatiza o acréscimo que a disciplina oportuniza a seus aprendizes, em adição a outras línguas que os educandos já tenham em seu repertório, particularmente a língua portuguesa. Segundo os RCs, também, falar de uma língua adicional em vez de língua estrangeira enfatiza o convite para que os educandos (e os educadores) usem essas formas de expressão para participar na sua própria sociedade. Esse convite envolve também a reflexão sobre que língua é essa, de quem ela é e de quem pode ser, a que ela serve, o que cada um tem a ver com ela, dentre outras questões sociais e identitárias.

com o inglês, em razão, muitas vezes, de uma aparente falta de relação com a sua própria realidade de vida ou construção social. Já ao pensarmos pelo lado do ensino privado, permeado de famílias abonadas, o idioma parece pertencer com mais naturalidade ao seu universo – trazendo, por vezes, outras implicações para seu aprendizado. De qualquer maneira, dentro de uma mesma sala de aula, na escola privada, onde existe um maior prestígio no que diz respeito ao aprendizado do inglês, há estudantes cujo desempenho também varia significativamente.

Nesse sentido, uma série de fatores pode favorecer e/ou dificultar o aprendizado do inglês enquanto LA no ensino básico por parte dos estudantes dentro de um ambiente de escola privada. Dentre eles, pode-se mencionar a oportunidade de ter mais contato com a língua em cursos livres ou extraclasse; as motivações e frustrações individuais, pessoais e acadêmicas; o investimento e a condição socioeconômica familiar; a relevância da aprendizagem e as interações com o inglês em contextos autênticos.

Embora logicamente haja uma série de aspectos que impliquem os resultados dos percursos de aprendizagem de cada estudante (internos, como características pessoais, por exemplo; e externos, como bens materiais), há uma questão intrigante: de que forma a bagagem de mundo que cada um desses aprendizes carrega pode afetar o modo como aprendem?

Sobre bagagens de mundo, inclui-se a deste professor: comecei minha caminhada no aprendizado da língua inglesa por volta dos anos 2000. Fui aluno do curso de idiomas Yázigi por 8 anos e me formei no nível avançado aos 17 anos. Contudo, já aos 16, fui convidado a ser monitor da escola, trabalhando 15 horas semanais e auxiliando os estudantes que tinham dificuldade com pontos específicos das aulas ou que, por ventura, tivessem faltado muitos encontros e tivessem lacunas a recuperar. Foi nesse período que percebi uma possibilidade de atuação profissional concreta para o futuro. Eu já tinha certeza de que queria ser professor desde muito jovem por influências familiares, mas foi no final da minha adolescência, ao ser oferecida essa possibilidade profissional, que decidi seguir a docência dessa língua que tanto interesse me despertava. Ao completar 18 anos, fui contratado formalmente por esse curso de idiomas, em que atuei pelos quase oito anos subsequentes. Paralelamente, desde 2013, após me graduar em Letras Português-Inglês na UFRGS, lecionei em algumas grandes escolas particulares de Porto Alegre. Atualmente, estou completando dez anos de trabalho na escola onde os dados dessa pesquisa foram gerados, atuando com turmas do Ensino Fundamental e Médio.

Nesses quinze anos ensinando inglês, frequentemente me vi intrigado ao acompanhar o percurso individual de aprendizagem de meus estudantes. Ao passo que alguns aprendiam com impressionante velocidade e habilidade, outros simplesmente pareciam nunca evoluir. Decidi,

então, retornar à academia para investigar um pouco os fatores que se encontravam por trás desse (in)sucesso na aprendizagem da língua, muito no intuito de conhecer novos caminhos para auxiliar meus estudantes a progredirem de forma mais efetiva em seus estudos. O que, então, ainda poderia ser feito por eles e para eles? O que dizia respeito a mim ou à escola e o que dizia respeito a eles? O que ainda poderia ser modificado?

Outra inquietação que me direcionou a esses focos de estudo também diz respeito à minha constituição individual enquanto um homem branco, de classe média, com suporte estrutural, familiar e financeiro para construir meu capital cultural. Reconheço, constantemente, esses privilégios e os coloco em perspectiva ao trazer o quanto essas questões intrínsecas aos sujeitos e às suas construções impactam o modo como as pessoas aprendem, se relacionam e dialogam com o mundo.

Inicialmente, ao escrever o pré-projeto desta pesquisa como parte do processo seletivo do mestrado em Linguística Aplicada da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), tinha como objetivo investigar por que um grupo mais específico da escola privada onde leciono tinha maiores dificuldades ao aprender o inglês. Esses estudantes referidos eram os bolsistas selecionados como parte do programa de filantropia da escola, os quais, de forma geral, apresentavam um repertório mais limitado em relação a seus colegas. A partir da segunda fase do processo seletivo de que participei, a entrevista com duas professoras da área, tive a oportunidade de redesenhar a proposta desta dissertação, sem focar o estudo nos estudantes bolsistas, a fim de não ser uma pesquisa taxativa ou, até mesmo, preconceituosa. Optamos, assim, por selecionar um grupo de estudantes de diferentes perfis para investigar, de uma forma mais geral, os fatores que alicerçavam suas facilidades e dificuldades no aprendizado da língua, o que se tornou uma escolha importante e bastante positiva.

1.2 JUSTIFICATIVA

O ensino de língua inglesa enquanto parte obrigatória do currículo da educação básica já se faz presente nas escolas brasileiras há muitos anos (contextualização histórica que será feita no capítulo seguinte). Ainda assim, dependendo do contexto de vida do estudante, da localização da escola, da organização socioeconômica familiar e da metodologia adotada pelos professores (como suas ideologias de língua, por exemplo), o ensino e a aprendizagem dessa LA podem se constituir como um desafio. Enquanto professor de inglês de um colégio privado em Porto Alegre há oito anos, percebo que cada estudante aprende o que é proposto nas aulas

de inglês em tempos e medidas diferentes, atingindo resultados bastante variados frente a uma gama de instrumentos avaliativos aplicados.

Gasparini (2005) afirma que há falhas no ensino de língua estrangeira nas escolas, muitas vezes, e que o ensino de inglês, especificamente, acaba contribuindo para a perpetuação de relações de poder na nossa sociedade brasileira. O “porquê”, “para que” e “para quem” se aprende e se ensina o inglês nas escolas torna-se, conseqüentemente, um elemento-chave para motivar ou desestimular a trajetória educativa dos alunos, tanto no contexto educacional público quanto no privado, impactando o modo como aprendem. A escolha do tema deste estudo, por conseguinte, perpassa tal percepção de poder e aparece no contexto da pesquisa, uma vez que parte dos estudantes da escola privada onde os dados foram gerados está lá por decorrência da aquisição de uma bolsa integral de estudos.

Percebe-se, por vezes, que o ensino de línguas, em nossas escolas, não é totalmente inclusivo como poderia (e deveria) ser e que há uma uniformização da aprendizagem como se todos os estudantes, por estarem nivelados na mesma série ou ano, já estivessem aptos a interagir por meio da LA, em propostas variadas, na mesma proporção e proficiência. Na prática, entretanto, sabe-se que existem lacunas entre os aprendizes, principalmente quando fatores individuais, familiares, econômicos ou sociais são levados em conta.

Ao se buscar mais dados sobre o contexto em que vivem os estudantes da pesquisa, o projeto evidenciou elementos importantes que acabam por facilitar ou dificultar o modo como o inglês é aprendido na escola privada e como impactam o percurso de aprendizagem individual de cada estudante.

Nesse viés, para que o ensino de inglês no Brasil seja mais eficiente, todos os interessados nessa transformação devem se engajar no processo: alunos, professores, representantes da escola, autoridades e a sociedade como um todo. Freire (1997, p. 84) afirma que “a educação autêntica, repitamos, não se faz de A para B ou de A sobre B, mas de A com B”. Este estudo, assim, sob a ótica de um contexto mais restrito, permitirá um processo de reflexão em diferentes esferas para que se entenda (na parceria entre estudantes, seus familiares e professores) o que está envolvido no processo educativo dos alunos em inglês na escola privada.

Enquanto pesquisador, em suma, decidi por este tema com o intuito de pensar, ao final deste trabalho, medidas e ações que possam contribuir com um aprendizado mais qualificado na escola dos entrevistados, onde também leciono. Encontrei aqui uma rica oportunidade para entender como o inglês pode promover uma maior acessibilidade para quem o estuda, em

contextos variados e para diferentes perfis de estudantes, e propor, com os aprendizes, ações mais atentas e inclusivas às realidades distintas.

1.3 DELIMITAÇÃO DO TEMA

O ensino de língua inglesa na escola como componente curricular tem como possibilidade permitir aos estudantes o contato com uma LA que funciona como elo entre os estudantes e um mundo globalizado, consentindo interações sociais em diferentes contextos. Embora seja obrigatória no currículo de educação básica brasileiro desde o 6º ano do Ensino Fundamental, o aprendizado da língua ainda permanece um desafio para parte dos estudantes, fato que percebo enquanto professor da área.

Esta pesquisa, portanto, visa investigar os fatores que favorecem ou dificultam o aprendizado de língua inglesa na escola privada, compreendendo como aspectos individuais (motivação, hábitos de estudo, uso do inglês fora da escola, entre outros) e sociais (condição socioeconômica familiar, capital cultural ou número de horas em sala de aula, por exemplo), do ponto de vista dos entrevistados, impactam o desempenho escolar de um grupo de participantes selecionados.

1.4 OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivo geral: identificar fatores que facilitam ou dificultam o aprendizado de inglês enquanto componente curricular em uma escola privada, por parte de um grupo de estudantes selecionados, levando-se em consideração a relação que cada um tem com a língua.

Objetivos específicos:

1. Investigar como é percebida, entre os participantes da pesquisa, a relação entre o seu contexto socioeconômico, seu capital cultural e investimento de sua família nos estudos com o desempenho nas aulas de língua inglesa na escola.
2. Mapear como as aulas de língua inglesa acontecem na escola, pelo olhar dos participantes do estudo e suas percepções individuais.
3. Coletar, com os estudantes, sugestões, medidas ou ações que podem contribuir para um aprendizado de inglês mais qualificado dentro da escola.

Quadro 1: Objetivos da pesquisa